

HISTÓRIA LOCAL: UMA BUSCA SOBRE POSSIBILIDADES CONCEITUAIS E TEÓRICAS

*LOCAL HISTORY: LOOKING FOR CONCEPTUAL AND THEORETICAL
POSSIBILITIES*

Sandra Cristina Donner*
scdonner@yahoo.com

RESUMO: Este artigo desenvolve uma breve discussão sobre a questão da Memória, formação de Identidade, Cultura Histórica e Usos da História, como possibilidades para a compreensão do papel da História Local junto às comunidades pesquisadas. Para compreendermos o impacto desta história, utilizaremos as reflexões apresentadas por Paul Ricoeur e Michel de Certeau, além das questões sobre Usos da História, presentes nos trabalhos de François Hartog e Jacques Revel. Esta reflexão será feita através da análise de dois grupos de livros de História Local: o Projeto Raízes e o Projeto Marcas do Tempo. Em ambos, foram promovidos seminários sobre a história dos municípios, e, a partir da coleta dos relatos, foram feitas publicações voltadas para a comunidade em questão, sem a pretensão de atingir o mundo acadêmico.

PALAVRAS CHAVE: Memória, Teoria e Metodologia, Identidade.

ABSTRACT: This article presents a brief discussion on the issue of Memory, Identity, Historical and Cultural Uses of History, as possibilities for understanding the role of local history in the communities surveyed. To understand the impact of this history, we will use the comments made by Paul Ricoeur and Michel de Certeau, beyond questions about Uses of History, presents the works of François Hartog and Jacques Revel. This reflection will be done by analyzing two sets of books of local history: Projeto Raízes and the Projeto Marcas do Tempo. In both, were promoted seminars on the history of cities, and from the collection of reports, publications were aimed at the community in question, without the intention to achieve the academic world.

KEYWORDS: Memory, Theory and Methodology, Identity.

Pretendemos desenvolver uma breve reflexão sobre a questão da Memória, formação de Identidade, Cultura Histórica e Usos da História, como possibilidades para a compreensão do papel da História Local junto às comunidades pesquisadas. Os elementos necessários para compreendermos as relações entre Memória e História estão presentes especialmente nas obras de Paul Ricoeur; em Michel de Certeau encontramos a discussão sobre o Ofício do Historiador; e, sobre os Usos Políticos da História,

* Doutoranda em História pela UFRGS. Enviado em: 04/05/2012. Aceito em: 25/07/2012.

utilizamos a coletânea de artigos promovida por François Hartog e Jacques Revel. Outros historiadores aparecem como complementos e contrapontos às discussões: Reinhart Koselleck, Beatriz Sarlo, Michel Pollak, Maurice Halbwachs, os brasileiros Manoel Luis Salgado Guimarães, Astor Diehl, contribuem com as reflexões sobre o conceito de Cultura Histórica, e sua importância junto à sociedade e mundo acadêmico.

Uma investigação sobre o uso da história local pelas administrações municipais deve, necessariamente, questionar como as questões de memória e identidade se inserem no cotidiano das pessoas, e o quanto elas influenciam as decisões administrativas e de promoção de projetos.

Sendo assim, dois grupos de livros de História Local foram tomados como referência para esta reflexão, a saber, o Projeto Raízes e o Projeto Marcas do Tempo. Em ambos, foram promovidos seminários sobre a história dos municípios, e, a partir da coleta dos relatos, foram feitas publicações voltadas para a comunidade em questão, sem a pretensão de atingir o mundo acadêmico.

Os municípios envolvidos buscavam, através destes eventos, “valorizar” sua memória, retomar relatos de um passado quase mítico, que unia a todos, e, especialmente nos seminários “Marcas do Tempo”, discutir a imigração alemã para o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, pois, segundo os organizadores, essa origem deveria ser novamente vivenciada pelos moradores das cidades em questão.

Este artigo não se propõe a detalhar as questões pertinentes a estes eventos e publicações, mas pensar possibilidades teóricas que permitam sua compreensão como formadores de memória e identidade.

Memória, Identidades e História

As questões sobre Memória e Identidade têm sido valorizadas nas últimas décadas. Todavia, no início do século XX, na obra de Maurice Halbwachs, esse tema já havia entrado em pauta. Em seu trabalho sobre memória individual e memória coletiva, esse sociólogo apresentou sua teoria indicando como ocorria a formação de ambas, e, também a relação entre memória coletiva e a História. Ele colocou a elaboração da memória coletiva como uma produção do grupo/comunidade, que só faz sentido pela sua interação com os membros: “Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo

limitado no espaço e no tempo.” (HALBSWACHS pg. 86) por isso, essa necessidade de abdicação da memória individual, diluída na memória coletiva, já que a primeira passaria para o último plano.

Paul Ricoeur dedicou uma parte de sua obra: *A memória, a história, o esquecimento*, a refletir sobre Halbwachs, mas foi além. Ele apresentou as diversas condições a que foi submetida a memória: memória e a imaginação, os usos e abusos da memória, e sua contrapartida, o esquecimento. Pois, enquanto as pessoas utilizam sua memória de maneira subjetiva ou racional, ou seja, às vezes as lembranças nos arrebatam, e eventualmente é necessário esquecer e realizar o luto dando um tratamento “racional” à memória, o historiador tem o dever de, ao trabalhar com as fontes, desvelar a memória manipulada:

Nesse nível aparente, a memória imposta está armada por uma história ela mesma ‘autorizada’, a história oficial, a história aprendida e celebrada publicamente. De fato, uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada; a memorização forçada encontra-se assim arrolada em benefício da rememoração das peripécias da história comum. O fechamento da narrativa é assim posto a serviço do fechamento identitário da comunidade. História ensinada, história aprendida, mas também história celebrada. À memorização forçada somam-se as comemorações convencionadas. Um pacto temível se estabelece assim entre rememoração, memorização e comemoração. (RICOEUR, 2007, p. 98).

Essa memória forjada dentro dos grupos sociais é entendida por Michel Pollak como promotora de um sentimento de identidade, este, visto superficialmente, como a construção de sua própria representação, de como a pessoa vê a si mesma e de como pretende ser vista pelo grupo. Para a construção de identidade, três elementos seriam fundamentais: a unidade física, a continuidade no tempo e o sentimento de coerência (POLLAK, 1992, p. 205).

A importância da memória como constituinte de identidade reside nas referências que a comunidade toma sobre o seu local e sobre sua posição frente ao *outro*. Justamente por esse caráter negociável, que a construção das memórias coletivas deve ser sempre questionada pela História. Isso nos leva a discussão sobre o papel do Historiador, e sua representação na sociedade. Segundo Ricoeur:

(...) Uma coisa é um romance, mesmo realista; outra coisa, um livro de história. Distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. Embora formulado, este pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor e promessas diferentes por parte do autor. (...) Ao abrir um livro de história, o leitor espera entrar, sob a conduta de um

devorador de arquivos, num mundo de acontecimentos que ocorreram realmente. (RICOEUR, 2007, p. 274).

Existe um “pacto” entre o leitor e o historiador, em que este se propõe a apresentar reconstruções aproximadas do que foi um dia real, são as exigências e expectativas colocadas nos escritos de História. Esse compromisso leva a perguntar: quais usos podem ser feitos do passado, se a memória é um elemento de produção coletiva, a História, é uma produção datada e com intencionalidades conscientes ou não?

Usos da História

Nos últimos anos do século XX ocorreu uma valorização da História junto ao público, na mídia, nas publicações, os temas históricos ocupam espaços novos. Nas discussões políticas os historiadores também foram chamados a interferir. No Brasil essas questões ainda não ocupam o espaço dado a elas na Europa, mas encontramos insinuações desse processo, por exemplo, nas leis para inclusão de conteúdos específicos da História nos currículos (o caso da obrigatoriedade de ensino da história e cultura africanas pelas disciplinas de história, literatura e artes) por lei federal, ou nas áreas desapropriadas por serem regiões de quilombolas.

Sobre estas relações entre a História e o seu uso para legitimar posições políticas, Hartog e Revel, organizaram um livro com as recentes questões sobre esse tema. Em sua introdução eles indicam três elementos que devem ser considerados: o primeiro apresenta a necessidade de reflexão sobre os debates abertos pela história recente, pois eles causam impactos políticos culturais tais como: conflitos internacionais, guerras civis, processos de legitimação e de deslegitimação de regimes autoritários, etc.; segundo, existe um alcance tanto historiográfico como público que ocorre pela deformação da História por motivos nacionalistas, isso gera a necessidade de construir uma imagem de nação que soe coerente, gratificante, enraizada ou voltada ou para o futuro, ou para a tradição; terceiro: o risco do uso dos métodos e das formas propostas das sistematizações ou das classificações históricas que, voluntariamente ou não, coincidem com as imagens das estruturas políticas e sociais dominantes ou

reforçam sua legitimidade, em particular no estudo dos fenômenos históricos de longa duração (HARTOG e REVEL, 2001, p. 8).

Esse renovado interesse pelo passado, segundo os autores, está diretamente relacionado com as ondas de comemoração que iniciaram com o bicentenário da Revolução Francesa, as datas relativas a fatos da I e II Guerra Mundiais e as questões de perseguidos políticos, nos casos de regimes autoritários, mas principalmente, judeus, ciganos, e outras minorias que sofreram com o regime nazista.

Hoje na França, na Itália e na Espanha, a história não é mais pensada nos programas escolares como um instrumento de compreensão da formação, aprofundado na longa duração das realidades nacionais e nas mudanças complexas do mundo. Ao contrário está tratando do senso comum histórico, marcado pelo factual e pelo tempo curto, transformou a ideia de que os fatos recentes são, por definição, mais importantes do que aqueles do passado. E por isso ganham mais espaço na grade curricular (é o caso também do Brasil onde o último ano é dedicado exclusivamente ao século XX): “Cela a engendré um élargissement du contemporain, et une schématisation, une simplification du passé plus éloigné: l’histoire a été transformée en nouvelles.”¹⁵

Por fim, o uso político da História mais presente no Brasil, está ligado às comemorações, mas também, pode ser encontrado no prestígio alcançado pelas prefeituras ao patrocinarem livros sobre história da região, e de como colocavam-se (nos prefácios, ou artigos) como “guardiões” dessa memória que estava por ser perdida. Através do trabalho de Torres podemos compreender o fenômeno que ocorre próximo a nós:

Dans tous ces cas de figure, l’histoire occupe le centre du débat politique et sert à justifier les opinions et les actions les plus diverses. Mais, même là où ne se manifestent pas ces problèmes, l’histoire renforce aujourd’hui ses liens avec la politique. Les commémorations qui se succèdent à la demande des institutions ou des gouvernements en sont un exemple patent. Cela est également illustré par l’invention d’historiens influents dans les médias quand il s’agit de traiter d’affaires de politique intérieure ou internationale et d’orienter l’opinion dans ces domaines. Nous pourrions même évoquer ici les stratégies politiques, plus ou moins dissimulées, d’un certain type de livres et de revues historiques de vulgarisation, de même que les mémoires qui ont proliféré ces dernières jusqu’à devenir des objets de consommation de

¹⁵ LEVI, Giovanni. *Lé Passé Loitain Sur l’usage politique de l’histoire*. Pp. 30. In: Hartog, Jacques. *Les Usages Politiques du Passé*. Tradução da autora: “Isso levou ao alargamento contemporaneidade, e uma simplificação da historia de longa duração: a história foi transformada em novelas.”

masse. Tous ces exemples se recontrent également en Espagne, à commencer, bien entendu par le fièvre des commémorations” (in : HARTOG e REVEL, 2007, p, 132)

Beatriz Sarlo (2005), observa que essa História massiva, possui em si um princípio organizador simples, que reduz o número de hipóteses sobre o passado e simplifica a História para torná-la própria para o consumo:

La historia de circulación masiva, en cambio es sensible a las estrategias con que el presente vuelve funcional el asalto del pasado y considera que es completamente legítimo ponerlo en evidencia . Si no encuentra respuesta en la esfera pública actual, ha fracasado y carece completamente de interés. La modalidad no académica (aunque sea un historiador de formación académica quien la practique) escucha los sentidos comunes del presente, atiende las creencias de su público y se orienta en función de ellas (SARLO, 2005, pg. 14 e 15).

Esse “consumo” da História passa por um enquadramento da memória aos interesses do órgão promotor do estudo, da sociedade onde está inserido, do contexto político e social. Claro que não estamos falando de um maniqueísmo fácil, mas sim, de uma culminância de interesses em torno de determinado tema histórico. Pollak sugere o estudo da memória coletiva em relação a sua função, como uma forma de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais: “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também suas oposições irredutíveis.” (POLLA, 1989, p. 9). Sendo assim, a História Local figura como um desses elementos de “coesão” da sociedade e, por isso, um alvo deste enquadramento de memória, passível de ser utilizado pelos órgãos públicos.

Essa sensação de permanência do passado no presente, através da relação entre uso político e memória, é um indicativo de que uma das funções do processo histórico é construir identidades que se relacionam em uma vivência política e social. Essa afirmação se materializa na escolha dos elementos celebrativos que virão à luz e dos eventos e monumentos do passado que constituirão a memória e a história continuamente lembrada, ou ruminada, como acusava Nietzsche¹⁶. Uma Cultura

¹⁶ “Um homem que quisesse sempre sentir apenas historicamente seria semelhante àquele que se forçasse a abster-se de dormir, ou ao animal que tivesse de sobreviver apenas de ruminação e ruminação sempre repetida. Portanto, é possível viver quase sem lembrar e mesmo viver feliz, como mostra o animal; mas é

Histórica. Mas, diferente da ruminação tediosa, os elementos mudam a cada geração que repensa seu passado e o comemora. Segundo Guimarães¹⁷, a Cultura Histórica é uma cultura da lembrança, um processo de mapeamento das construções sobre história promovidas pelas sociedades e que fogem ao controle acadêmico, ou seja, as comemorações, a história vulgarizada, a história simplificada ou massiva.

Cultura Histórica

O conceito de Cultura Histórica, embora seja relativamente novo como categoria interpretativa, já foi observado por vários pensadores. Passou pelas reflexões de Nietzsche nas suas *Considerações Extemporâneas*¹⁸; pelas discussões sobre memória e tempo na obra de Ricouer (2007); pelas questões sobre as definições e construção da ideia contemporânea de História, na obra de Koselleck (2006), e, no Brasil, encontra-se presente na obra de Manoel Luiz Salgado Guimarães e Astor Antônio Diehl. Como é necessário delimitar esse conceito, será utilizada a proposta de Guimarães e Diehl, ainda que de forma provisória.

A maioria dos historiadores citados anteriormente apresenta a noção atual de História como fruto do Iluminismo e da construção do Estado Nação. Sendo assim, a História como saber disciplinado, ou domesticado, como diria Elias (1993), é uma parte do “processo civilizatório”. Segundo Guimarães:

Forjada a partir da experiência revolucionária de 1789, essa cultura histórica problematizaria de forma cada vez mais intensa a relação entre o passado e presente, agora definitivamente separados por uma experiência radical de ruptura. A integração do passado a partir de categorias como a de desenvolvimento e progresso poderia assegurar ao presente um sentido e um

inteiramente impossível, sem esquecimento, simplesmente viver.” Neste texto o autor critica as práticas celebrativas cheias de ufanismo e otimismo conectando um passado glorioso com um futuro que não pode lhe deixar nada a dever. Nietzsche Friedrich. *Considerações Extemporâneas*.

¹⁷ Guimarães, Manoel Luiz Salgado. *Usos da História*, refletindo sobre a escrita da História.

¹⁸ “Aquilo que é celebrado nas festas populares, nos dias comemorativos religiosos ou guerreiros, é propriamente um tal “efeito em si”: é ele que não deixa dormir os ambiciosos, que está guardado como um amuleto no coração dos empreendedores, e não a conexão verdadeiramente histórica de causas e efeitos que, completamente conhecida, só provaria que nunca sairá de novo um resultado exatamente igual no jogo de dados do futuro e do acaso.” Nietzsche Friedrich. *Considerações Extemporâneas*. Pp. 61. Claro que o filósofo não pretendia elaborar um conceito ao escrever suas reflexões, mas este texto tornou-se muito importante pois vários historiadores passaram a analisar a forma como a História é produzida em cima das denúncias de Nietzsche sobre a onda comemoracionista.

ponto de ancoragem, indicando, no mesmo movimento os caminhos do futuro. (GUIMARÃES, 2006, p. 11)

Em sua análise sobre as construções historiográficas, Guimarães coloca que toda a produção de discursos sobre o passado possui uma historicidade, que é fruto dos lugares, do contexto e dos autores que a produziram. Todavia, é uma tendência silenciar sobre esse processo, e aceitá-lo como natural. A “versão” vencedora acaba por impor-se sem sofrer questionamentos.

Essa ideia de História, surgida no período oitocentista, conecta o passado com o futuro, como se neste passado, o futuro já estivesse sinalizado e os acontecimentos do momento fossem o óbvio desfecho de todo um movimento anterior:

Ao construir o passado como projeção do presente e desejo de futuro, a história é capaz de disciplinar este passado segundo os sentidos importantes para o presente em construção, conjurando incertezas e dúvidas próprias de um mundo vivendo em meio ao turbilhão de mudanças que parecem inviabilizar uma referência ao passado nos termos de uma busca de comparações com o presente, como forma de extrair soluções para a ação no mundo (GUIMARÃES, 2000, p. 26).

Essa sensação de permanência do passado no presente é um indicativo de que uma das funções do processo histórico é construir identidades que se relacionam em uma vivência política e social. Isso fica claro quando pensamos na história disciplina escolar ou na que é promovida pelas administrações públicas. Essa afirmação se materializa na escolha dos elementos celebrativos que virão à luz e dos eventos e monumentos do passado que constituirão a memória e a história continuamente lembrada, ou ruminada, como acusava Nietzsche¹⁹. Uma Cultura Histórica. Mas, diferente da ruminação tediosa, os elementos mudam a cada geração que repensa seu passado e o comemora.

Essa onda comemorativa do passado, que aparece de maneira muito concreta nos eventos do Projeto Raízes e Marcas do Tempo, estudadas para esse projeto de

¹⁹ “Um homem que quisesse sempre sentir apenas historicamente seria semelhante àquele que se forçasse a abster-se de dormir, ou ao animal que tivesse de sobreviver apenas de ruminação e ruminação sempre repetida. Portanto, é possível viver quase sem lembrar e mesmo viver feliz, como mostra o animal; mas é inteiramente impossível, sem esquecimento, simplesmente viver.” Neste texto o autor critica as práticas celebrativas cheias de ufanismo e otimismo conectando um passado glorioso com um futuro que não pode lhe deixar nada a dever. Nietzsche Friedrich. Considerações Extemporâneas.

doutoramento, pode ser explicada por duas vias. Astor Dihel²⁰ indica que o ato de rememorar leva a uma repoetização do passado, criando uma nova estética deste passado e, por sua vez, resignificando as identidades sociais presentes no grupo que celebra.

O tema é vasto e a discussão sobre os usos, importância e significados da História Local no mundo acadêmico e na sociedade para/onde ela é produzida é uma das chaves para sua compreensão. Este pequeno artigo pretendeu sugerir autores e através de suas propostas teóricas, lançar um olhar sobre esse campo da História, ainda pouco explorado.

Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A beira da Falésia: entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. In: Métis, Caxias do Sul: EDUSC, vol. 1, jul/dez, 2002.

CONSTANTINO, Núncio Santoro. *O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local*. São Leopoldo, Revista Unisinos nº 10, 2004.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura Historiográfica, Memória, Identidade e Representação*. Bauru: Edusc, 2002.

_____. *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1998.

ELMIR, Cláudio Pereira. *O que a micro-história tem a nos dizer sobre o local*. São Leopoldo, Revista Unisinos nº 10, 2004.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da História do Brasil oitocentista*. In: GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. *Estudos sobre a escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Usos da História, refletindo sobre a escrita da História. In: História em Revista: dossiê- Historiografia. Pelotas, UFFPEL, vol. 6, dezembro 2000.

²⁰ DIHEL, Astor. *Cultura Historiográfica, Memória, Identidade e Representação*, p. 101.

HARTOG, F. & REVEL, Jacques. *Les Usages Politiques du Passé*. Paris : École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2001.

HARTOG, François. A testemunha e o historiador. In: Pesavento, Sandra Jatahy. *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: ed da Universidade, UFRGS, 2001.

HALBSWACHS. Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice.

HOBSBAWN, Eric. *Invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

_____. *Sobre História: Ensaio*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: Para uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto: ed. Puc-Rio, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. Considerações extemporâneas. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Nova cultural, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Esta história que chamam de micro. In: GUAZZELLI, César; PETERSEN, Sílvia R. et alli. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre, editora da UFRGS, 2000.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos* Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10, 1992.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, nº3, 1989.

POMIAN, Krzysztof. *Sobre la História*. Madrid: Cátedra, 2007.

REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: Difel, 1989.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *A institucionalização da formação superior em história: o curso de Geografia e História da UPA/URGS - 1943 a 1950, Ano de Obtenção*: 2002, PPG História, UFRGS.

SARLO, Beatriz. *Tiempo Pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

SILVA, Marcos A. da. *República em Migalhas- História Regional e Local*. São Paulo, Marco Zero, 1990.

WEBER, Roswithia. As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: ‘o 25 de julho’ em São Leopoldo, 1924/1949. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2004.